

# ■ A opinião dos jovens estudantes sobre a escola numa era pandêmica: como estavam os estudantes envolvidos neste [novo] processo de aprendizagem?

*Young student's view of school in a pandemic era: how were the students involved in this [new] learning process?*

 Ana Paula Farias de Oliveira \*  
Antônia Vilma Marques Veras Calvão \*\*  
Teresa Silva Dias \*\*\*

Recebido em: 26 jul. 2022  
Aprovado em: 31 mar. 2023

**Resumo:** A pandemia de COVID-19 que se iniciou em 2020, perturbou as rotinas e criou dinâmicas educativas que exigiam uma forma de pedagogia (re)escrita que tem como base a aprendizagem à distância baseada em meios telemáticos. Dado que os estudantes são os mais visados por estas mudanças no ensino e na aprendizagem, parece importante perguntar: Os estudantes tiveram uma participação ativa na construção desta nova realidade? Este estudo teve o objetivo de “ouvir, ver e ler” 153 alunos de 11 a 13 anos de idade de sete turmas diferentes de uma escola pública de ensino em tempo integral situada em Brasília, após o reinício da sua vida escolar durante a pandemia de COVID-19. Neste estudo de base qualitativa, foi realizada uma etnografia utilizando ferramentas on-line para compreender como estes estudantes contemplaram e moldaram as suas experiências educativas, apelando aos seus estilos de comunicação típicos, tais como desenhos, diários, e conversas com os colegas. A análise dos dados mostrou que, quando têm a oportunidade de se envolverem com esta realidade escolar, os alunos demonstram estar comprometidos com a aprendizagem e ser capazes de ter atitudes éticas e reflexivas. A sua capacidade estende-se também à análise crítica da implementação dos planos sugeridos ao longo da pandemia e da medida em que os instrumentos pedagógicos se tornaram socialmente excludentes.

**Palavras-chave:** Percepções dos estudantes. Ensino à distância. Educação telemática. COVID-19.

**Abstract:** The COVID-19 pandemic that started in 2020, disturbed routines and created educational dynamics that required a (re)written form of pedagogy based on distance learning based on telematic means. Given that the students are the most targeted by these changes in teaching and learning, it seems important to ask: Have the students had active participation in the construction of this new reality? This study has the purpose of “hearing, seeing, and reading” 153 students of ages 11 to 13 from seven different school classes of a full-time-learning public school located in Brasília, after the restart of their school life during the COVID-19 pandemic. In this qualitative-based study, an ethnography using on-line tools was conducted to understand how these students have contemplated and shaped their educational experiences, appealing to their typical communication styles, such as drawings, diaries, and conversations with peers. Data analysis shows that when they have the opportunity to get involved with this school reality, the students demonstrate to be compromised with learning and capable of having ethical and reflective attitudes. Their ability also extends to critically analyzing the implementation of the suggested plans throughout the pandemic and the extent to which pedagogical tools have become socially exclusionary.

**Keywords:** Students. Perceptions. Distance learning Telematics education. COVID-19.

\* Ana Paula Farias de Oliveira é mestre em Psicologia do Desporto e Desenvolvimento Humano pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Professora de Educação Física da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Contato: apfoliveira1971@gmail.com

\*\* Antônia Vilma Marques Veras Calvão possui MBA em Gestão Escolar; especialização em Psicopedagogia Institucional É orientadora educacional da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Contato: vilmacalvao@hotmail.com

\*\*\* Teresa Silva Dias é doutora em Ciências da Educação. Investigadora auxiliar no CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal. Contato: teresadias@fpce.up.pt

## Antecedentes e lógica de investigação

A escola - um espaço institucional responsável pela revitalização da sociedade civil e pelo reforço da democracia - não se limita à construção de conhecimentos. Antes disso, coloca em perspectiva o desenvolvimento das capacidades críticas, argumentativas e de descoberta dos estudantes num cenário que espelha a sociedade (TRINDADE, 2000). Neste ambiente, é fundamental mitigar as desigualdades socioeconômicas das comunidades que serve, assumindo o desafio de revelar o outro diverso numa coexistência colaborativa com o outro singular, que define o estudante do século XXI (DIAS, 2016). Observar e valorizar o papel das organizações sociais como principais influenciadoras da formação do ser humano, resulta em proporcionar ao estudante estímulos adequados que proporcionem resultados compatíveis à sua realidade social e cultural.

A partir deste mesmo ponto de vista, a escola deve considerar a comunidade envolvente que está para além do espaço escolar, porque segundo Libâneo é onde "...os alunos aprendem a atribuir significados às mensagens e informações recebidas do exterior, através dos meios de comunicação social, da vida quotidiana, dos meios educativos proporcionados pela cidade, pela comunidade (...)" (2015, p. 49). Portanto, a prática pedagógica da escola deve ultrapassar o mecanicismo, da transmissão e recepção de conteúdo, dado que as crianças trazem para dentro do ambiente de aprendizagem uma cultura construída em diferentes instituições, espaços físicos (formais e informais) e relacionais onde também mantêm relações sociais e afetivas que orientam a aprendizagem (LIBÂNEO, 2015).

Assume-se, portanto, que um dos propósitos da escola é educar cidadãos capazes de agir consciente e criticamente, manifestando-se a partir da sua própria personalidade, mostrando o que cada um pode fazer e tornar-se, realizando um trabalho diferenciado para mudar a realidade onde vivem, ou seja, reconhecendo-se como agentes que constroem a sua própria história (DISTRITO FEDERAL, 2014). Reconhecendo os estudantes como cocriadores de conhecimento, identidade e cultura, no que respeita às suas competências cognitivas, sociais e emocionais, estes devem ser representados e envolvidos num diálogo democrático e na tomada de decisão na construção das suas vidas escolares, participando ativamente do desenvolvimento das suas vidas sociais e educativas, das vidas daqueles que os rodeiam, e das suas comunidades (OLIVEIRA-FORMOSINHO; ARAÚJO, 2008).

Desta forma, deve ser construída uma visão do estudante-criança como ator social, com direitos, deveres e essencialmente com capacidade de influenciar a vida coletiva nos espaços de ação onde coabita diariamente

(SARMENTO; SOARES; TOMÁS, 2006) e desempenha um duplo papel de estudante-criança, num mundo de adultos, e uma realidade (escolar e social) que se caracteriza por relações de poder assimétricas (DIAS, 2016). Da escola, um espaço de convivência por excelência voltado para o exercício da cidadania, exige-se que implemente dinâmicas de participação em atividades que proporcionem o reconhecimento formal de direitos e deveres, com espaços de partilha de poderes e responsabilidades, que validem e envolvam todos numa experiência verdadeiramente democrática, entre os diferentes interlocutores envolvidos no processo, incluindo os estudantes.

É importante destacar que a escola como espaço de cidadania democrática prevê o acolhimento e apreciação de cada aluno, com o desenvolvimento de práticas de reflexão crítica proporcionando o questionamento e favorecendo a aceitação dos pontos de vista dos indivíduos (múltiplos e diferenciados) face à aprendizagem formal e não formal. Desta forma, incentiva o desenvolvimento do sentido de pertença dos alunos e dos membros das comunidades locais (DIAS, 2016; DISTRITO FEDERAL, 2014).

O sistema educacional brasileiro, e mais especificamente, a realidade pedagógica vivida em Brasília, tem as suas raízes e as suas práticas baseadas na concepção desta escola democrática, participativa, onde a criança-cidadã é considerada na formulação de hipóteses e tomada de decisões, quando se trata do seu conhecimento. A criança e o jovem como integrantes da comunidade escolar, possuem voz e espaço para se manifestarem e elaborarem sugestões, construindo um espaço de debate da rotina diária (DISTRITO FEDERAL, 2014). Contudo, perante a situação de pandemia associada ao COVID-19 que assolou o mundo em 2020, foram criadas rupturas e reestruturações nas dinâmicas educativas que exigiram uma pedagogia (re)escrita que tem como alicerce a aprendizagem à distância, diferente nas formas de atuar pedagógica e relacional do até então implementado, com recurso a um ensino à distância, baseado em meios telemáticos.

Este período de isolamento imposto a todos pela pandemia alterou hábitos pessoais e rotinas estabelecidas, sendo que a escola e todos os integrantes deste espaço comum não constituíram exceção. A volta ao novo normal, ressignificou a relação entre os integrantes responsáveis pelo processo educacional. Alunos, professores, escola e comunidade tiveram que se ajustar rapidamente às novas formas de aprender e suas tecnologias (DE SALES, 2021). Os alunos, como seres dependentes emocional e financeiramente dos mais vivos, atuaram como coadjuvantes de uma ampla reorganização de rotinas em tempo mínimo de adaptação funcional sendo os mais atingidos por estas mudanças

no ensino, refletindo por consequência na aprendizagem. É significativo questionar de que forma os estudantes estiveram envolvidos na reestruturação do ser e na metodologia de aprendizagem na escola. Será que eles tiveram uma participação ativa na construção da realidade virtual? Quais foram as percepções que as crianças tiveram deste novo modelo de ensino? E a resposta emocional no retorno ao contato educacional, foi considerada “normal”?

## Metodologia e perspectiva teórica

Este estudo teve o objetivo de “ouvir, ver e ler” alunos de sete turmas de uma escola pública de ensino em tempo integral localizada em Brasília, após o reinício da sua vida escolar durante a pandemia de COVID-19. Os objetivos específicos deste estudo são: I) perceber se os alunos tinham uma voz ativa na (re)configuração do processo de ensino-aprendizagem; II) compreender o que os alunos sentiram ao longo do ano letivo de 2020, relativamente à utilização e adaptação dos recursos pedagógicos apresentados; e III) identificar as propostas dos alunos para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, durante a utilização da nova ferramenta tecnológica apresentada.

Seguiu-se um desenho de investigação qualitativa, com uma etnografia realizada durante o ano letivo de 2020. Considerando a realidade do contexto escolar em Brasília, a etnografia ocorreu utilizando a plataforma digital (*Google Meet*). A utilização da etnografia justifica-se permitindo uma abordagem da realidade em estudo, uma análise holística e dialética da cultura escolar, e a integração de atores sociais (estudantes) com participação ativa e reativa no processo de modificação das dinâmicas de aprendizagem na escola (RUSSELL; BARLEY, 2020).

O ambiente escolhido foi uma oficina de Educação Física desenvolvida no contra turno com todas as crianças da escola, nos horários de atendimento de cada turma. O investigador acompanhou cada turma envolvida durante as aulas que eram oferecidas uma vez por semana, criando ao final, uma dinâmica que permitiu assistir a pelo menos duas aulas de Educação Física em cada turma por semana. Apesar do processo educativo apresentar objetivos diferenciados para cada turma da escola, o foco de análise tentou incidir sobre as opiniões dos alunos e na forma como estes responderam às atividades pedagógicas propostas relacionadas ao tema da pesquisa, mesmo realizadas em ambientes distintos. As brincadeiras e os jogos, previstos como conteúdo formal da Educação Física para este nível do ciclo básico, foram usados como meio facilitador para que os alunos se manifestassem. Durante as aulas virtuais foram feitas observações não estruturadas, utilizando debates com

temas específicos, onde elas foram capazes de se manifestar espontaneamente.

Neste estudo, utilizamos os estilos de comunicação típicos dos estudantes, tais como desenhos (DR), diários (DY), e conversas com pares (CWP) para compreender como eles têm contemplado e moldado as suas experiências educativas (KANG, 2013). Também foram recolhidas as notas de campo do investigador (FN). Durante a aula de Educação Física, foi pensado um espaço de reflexão e anotações sobre a dinâmica do estudante-estudante, estudante-professor e estudante-família, analisando o processo de ensino, aprendizagem e testes impostos pelo ambiente de aprendizagem à distância e semipresencial.

Participaram deste estudo 153 estudantes, com idades compreendidas entre os 11 e 13 anos, distribuídos em sete turmas do 6º e 7º ano (número total de alunos atendidos pela escola, no ano de 2020), conforme apresentado na Tabela 1.

A análise de dados foi realizada utilizando análise temática, assegurando critérios de validação (triangulação, verificação, conversas semiestruturadas, e auditoria externa) (BRAUN; CLARKE, 2006).

Tabela 1. Escolares dos 6ºs e 7ºs anos

Ano escolar	Turma	Meninos	Meninas
6º ano	A	12	9
	B	8	17
	C	14	8
7º ano	A	13	11
	B	8	14
	C	13	13
	D	16	7

Fonte: Própria autora.

## Considerações éticas

Sendo aquele um ambiente virtual institucional, a autorização para coleta de informações para este estudo, foi consentida pelos responsáveis através do preenchimento do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) respondido de forma virtual pelo *whatsapp* da escola. O esclarecimento de dúvidas ocorreu também durante a realização de tarefas escolares cotidianas, que se encontram no arquivo do *Google Meet* da instituição de ensino. Todo o conteúdo das aulas também está gravado na mesma plataforma. Os alunos eram constantemente lembrados de forma pedagógica e

avaliativa, de que produziam material para uma pesquisa, através de uma linguagem simples, de fácil entendimento. O material ficou à disposição da instituição e da professora pesquisadora vinculada, para a realização de análises acadêmicas. Não houve exposição pública dos estudantes. A investigação foi aprovada e monitorada pelos diretores da escola, coordenadores, e também pelo Serviço de Orientação Educacional. Durante as aulas virtuais, a participação oral do aluno era opcional, que podia fazer a escolha também pela manifestação escrita ou desenhos.

## Descobertas e resultados

Conscientes da situação mundial em que as mudanças estão a ocorrer em níveis acelerados, voltamos os nossos olhares para as manifestações comportamentais das crianças que enfrentavam os novos desafios, na intenção de observar manifestações no ambiente virtual, onde neste espaço, desempenharam papéis de cidadãos ativos envolvidos no processo educacional. Sabendo que para além da manifestação corporal, as manifestações verbais ou escritas das crianças também revelam respostas.

Foram identificados os seguintes temas: I) impacto da COVID-19 na sociedade e na vida das crianças-estudantes; II) adaptação dos estudantes ao ensino à distância utilizando uma plataforma digital; III) professores e adaptação curricular no ensino à distância; IV) organização e propostas dos estudantes; V) expectativas do retorno à atividade escolar presencial.

### I) Impacto da COVID na sociedade e na vida das crianças-estudantes

Quando solicitados a refletir sobre a pandemia e as mudanças que esta causou em suas vidas e na sociedade em geral, os estudantes foram unânimes em afirmar que o impacto foi grande, que as pessoas e os países não estavam preparados para uma pandemia. Nos seus discursos falados e escritos, mostram surpresa, desconforto, medo, perda, e essencialmente uma sensação de resiliência e capacidade de superação. Nas reflexões constantes nos Diários dos Estudantes (DY), foram observadas angústias quando se referem:

O ano 2020 foi um pouco de tudo, foi um ano em que perdi pessoas próximas, fechei alguns ciclos de amizades e iniciei outros, fortaleci laços com a minha família e amigos, e conheci pessoas incríveis. (DY, 7º ano, 13a.)

Influenciados pelas restrições impostas pela pandemia, os discursos salientam a importância que os amigos e a socialização têm na vida das crianças,

quando manifestam a necessidade de “estar com os outros”. Apesar desta limitação, muitas são as referências dos participantes ao fortalecimento dos laços familiares, com a família nuclear, devido ao isolamento. Quando os alunos foram questionados sobre como se sentiam a respeito do isolamento, muitos expressaram tristeza. Em momentos de conversa entre os pares (CWP), notou-se que a ausência do ambiente escolar foi um dos fatores que mais se destacou, como se mostra a seguir:

- Não suporto mais estar em casa, tenho de ir para a escola!
- Eu também AC! Não aguentamos mais estar dentro de casa!
- Éramos muito preguiçosos para acordar e hoje sinto falta da escola. Ontem, quando saí com a minha mãe, só não beijei o chão. (CWP, 7º ano A, 12a)

Outras declarações de sentimentos diversos, para além da tristeza, dominaram os discursos dos estudantes quando estes refletem sobre o momento pandêmico, tais como medo, saudade e desânimo, devido à situação prolongada:

- Tenho medo de não voltar ao normal, de não ter mais escola, de não poder andar, de sair de casa, de ver meus amigos, de viajar. (DY 6º ano, 11a)
- Há dias em que acordo bem, há dias em que acordo e não quero fazer nada. (DY 6º ano, 11a)

A partir destes conhecimentos, tornou-se claro que ninguém estava preparado para um momento tão difícil devido à pandemia, especialmente as crianças. Contudo, e como é característico deles, reina a resiliência e a capacidade de ter esperança, representada por um estudante do 6º ano, (Figura 1), em que a flor significa (nas suas palavras) ESPERANÇA, e como o estudante do 7º ano escreve no seu diário:

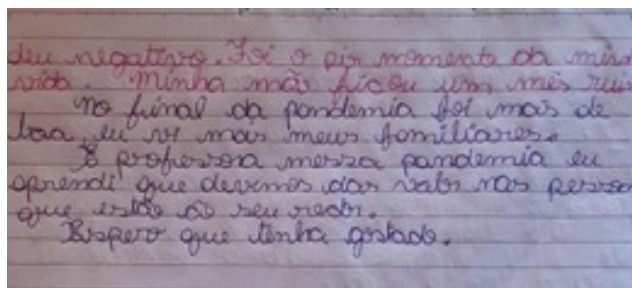
- Tenho esperança e MUITA fé de que este ano será maravilhoso, as coisas vão voltar ao normal, acredito nisso. Serei capaz de realizar os meus planos e não só os meus, mas a vida de muitas pessoas melhorará. (DY, 7º ano, 13a.)

Figura 1: Dinâmica de percepção. Aluno do 6º ano



Fonte: AS, 6º ano, 11 anos.

Figura 2: Atividade escrita reflexiva. Aluna do 7º ano



Fonte: LS, 7º ano, 12 anos.

A reflexão dos estudantes sobre a situação pandêmica mostra um nível de consciência e maturidade quando se referem às mudanças que sofreram:

Professora, nesta pandemia aprendi que devemos dar valor nas pessoas que estão ao seu redor (DY, 7º ano, 12a.)

## II) Adaptação dos estudantes ao ensino à distância utilizando uma plataforma digital

Sendo um dos objetivos deste estudo compreender como ocorreu a adaptação dos estudantes ao ensino à distância e à utilização de plataformas digitais, ficou claro que eles não conheciam a ferramenta apresentada (Google Classroom) e que seria necessário familiarizar-se com o recurso pedagógico para que as aulas pudessem acontecer. O primeiro impacto foi, na sua maioria, negativo. Os alunos relataram não conhecer a plataforma de estudo e ter dificuldade em utilizá-la:

Eu nem sequer sabia que existia um Google Classroom. Pensava que o celular era só pra ligar e jogar (CWP, 7º ano, 12a.)

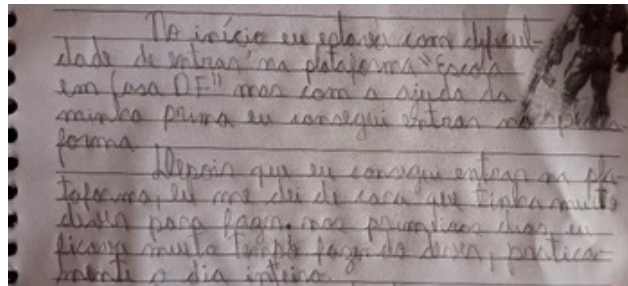
Ao mesmo tempo, fica evidenciado que existem outras ferramentas digitais que os estudantes conhecem e utilizam, mas que não foram “ativadas” como recurso, o que realça a importância de lhes dar voz, de saber o que sentem e quais são as suas perspectivas através dos desafios a serem ultrapassados, como observado pelas notas de campo do investigador (FN):

Professor, não pode dar aulas através do WhatsApp? É mais fácil... (FN, 6º ano, 11a.)

Professora.... Isso é muito complicado. Eu enviei a tarefa. Coloca ela aqui mesmo ou envia por zap. (FN, 7ºano,12a.)

Mas esta (re)adaptação educacional vai além da componente tecnológica e leva-nos a refletir sobre o despreparo destes estudantes para enfrentarem um novo formato de ensino, um modelo para o qual não estavam preparados, e que requer autonomia da sua parte para a sedimentação da aprendizagem. Nas idades abrangidas pelo estudo, os estudantes ainda precisam e

Figura 3: Atividade de avaliação do bimestre. Aluno do 6º ano



Fonte: AL, 6º ano, 11 anos

estão habituados ao apoio do professor para a organização do espaço “sala de aula” e nas tarefas de procura de informação para a consolidação de conhecimentos:

Estava habituado ao professor ali, me respondendo quando tinha perguntas, agora vou à Internet ou os meus pais ajudam-me. (FN, 6º ano, 11a.)

É necessário destacar também que uma percentagem de alunos ao longo do período remoto realizou atividades impressas por não poderem utilizar ou não terem acesso à plataforma digital, ou ainda, não possuem equipamento eletrônico como computadores portáteis e celulares, sem acesso à rede da Internet, como foi relatado em alguns casos:

Professora, a minha mãe sai para o trabalho e leva o seu celular, não posso assistir às aulas do Meet. (FN, 6º ano, 11a.)

Não obstante, os procedimentos adotados pelas escolas na tentativa de minimizar os constrangimentos no acesso aos recursos informáticos para estudantes e famílias neste momento foi um processo que excluiu parte dos estudantes e limitou o seu direito à educação - os sistemas e instituições de ensino nacionais não estavam preparados para responder numa situação que se verificava o ensino à distância.

Ainda assim, em apoio a este primeiro impacto e adaptação ao ensino à distância, os estudantes relatam grande dificuldade em responder aos pedidos dos professores, tendo-se sentido sobrecarregados com trabalhos aplicados:

Depois que eu consegui entrar na plataforma, eu me dei conta que tinha muito dever para fazer... Nos primeiros dias eu ficava muito tempo fazendo dever, praticamente o dia inteiro (DY, 6º ano, 11a)

## III) Professores e adaptação curricular no ensino à distância

Num segundo momento, após alguns meses de adaptação ao ensino à distância, devido a um esforço concentrado entre os professores e a equipe de gestão

da escola, que monitoravam constantemente aqueles que não conseguiam completar as tarefas on-line ou assistir às aulas, as respostas dos estudantes começaram a ser satisfatórias. Já expressaram conforto perante a nova oportunidade de aprendizagem, moldando-se ao novo conceito de educação:

- No início era uma bagunça, mas depois de um tempo eu colocava o horário dos Meets na tela do meu computador, e quando estava próximo do horário eu mesma acessava a Sala de Aula. (CWP, 7º ano, 12a)

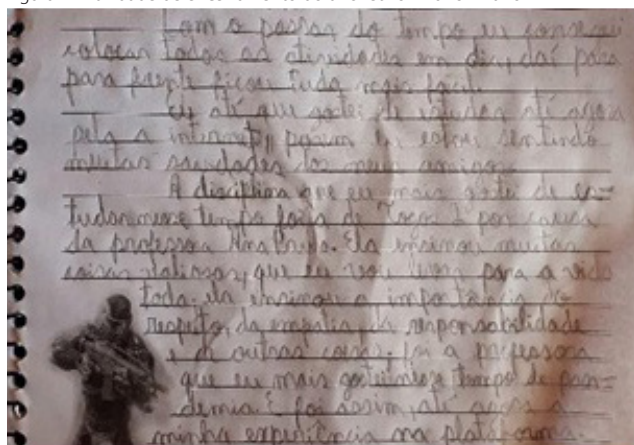
Os professores também adaptaram ferramentas e métodos de trabalho, permitindo um melhor equilíbrio nas atividades propostas e o acompanhamento dos alunos:

Os professores estão menos exigentes, explicam as disciplinas com mais calma, por isso estou mais descontraído. (FN, 7º ano, 12 anos)

A adaptação curricular foi também inerente em todas as áreas disciplinares, e em disciplinas de natureza eminentemente prática, foram necessários grandes ajustes. No caso da Educação Física, na escola onde o estudo foi realizado, foi possível reforçar a educação para a cidadania e o desenvolvimento de valores morais e sociais, como recomendado pelas diretrizes nacionais e distritais (DISTRITO FEDERAL, 2014). Ao inserir os alunos nas discussões das questões e responsabilidades sociais, a professora fez com que estes aceitassem as dificuldades decorrentes do processo, motivando-os a trabalhar de forma orientada para que estas barreiras fossem ultrapassadas, neste caso, relacionadas com o seu processo de formação:

Ela [a professora] ensinou coisas muito valiosas, que vou levar para a vida toda. Ela ensinou a importância do respeito, empatia, responsabilidade... (DY, 6º ano, 11 anos)

Figura 4: Atividade de encerramento do ano letivo. Aluno 6º ano



Fonte: JE, 6º ano, 11 anos

Assim, quando participam das aulas expressando o que sentem e o que querem, as crianças dão sentido à aprendizagem, percebem-se a si próprias como partes deste processo e vêem a si próprias como sujeitos, o que as faz aumentar a sua auto-estima, a sua auto-confiança e o seu respeito por si próprias (LIBÂNEO, 2015).

#### IV) Organização e propostas dos estudantes

Na penúltima questão abordada, “Como os estudantes apresentaram propostas para melhorar o processo de aprendizagem dentro do modelo remoto vigente”, as respostas obtidas a partir deste questionamento, apresentaram uma variedade de alternativas que os fizeram sentir-se participativos. Atuando conscientemente, apresentaram soluções para as dificuldades, como se viu no diálogo seguinte, que passam pela autonomia e ajuda no trabalho proposto pelos professores:

- Professor, tenho uma pergunta sobre um exercício em Geografia. Como é que eu faço?
- Amigo, vamos ficar aqui na sala no final da aula para que eu possa ajudá-lo a resolver esta tarefa. (CWP - 7º ano, 12 a.)

Ou fizeram propostas de ferramentas/estratégias alternativas que poderiam servir de exemplo para colegas e envolver outros agentes escolares, tais como a direção:

- Vou ao youtube quando tenho dúvidas sobre a resolução de um exercício.
- Já enviei um zap ao coordenador fazendo esta sugestão para que possa ajudar a todos.
- Vou falar com o diretor para ver se podemos fazer a nossa formatura on-line. (CWP, 7º ano, 12 a)

Nestes discursos, a competência dos estudantes é percebida no envolvimento da co-construção do conhecimento, para se adaptarem às condições que surgem de uma situação inesperada a nível acadêmico, e para se organizarem, fazendo da escola um espaço que corresponda às suas expectativas e lidere a formação pessoal e social favorecendo a percepção do papel como cidadãos de todos os envolvidos.

#### V) Expectativas do retorno à atividade escolar presencial

Ao privilegiar o processo educativo contínuo, enriquecido pela participação cidadã do aluno também na avaliação das suas aprendizagens, a avaliação ao final do período, mesmo on-line, foi muito aguardada por todas as crianças com certa apreensão: “Como vai ser a avaliação, professora?” Era a pergunta que reinava em

todas as turmas, não podendo ser atribuída apenas a uma criança. As crianças o viveram com ressalvas, ainda se acostumando com a nova rotina de estudos, projetando o que seria o movimento dentro da escola no próximo ano, que ainda não apresentava uma realidade absoluta após quatro meses de aula virtual, suscitando novas angústias para o que estava por vir:

Eu tenho medo de não me acostumar ao barulho da escola. Com a gritaria, com a correria de todo mundo. Isso me assusta. Mas vai ser bom andar de mãos dadas com minha amiga da antiga escola. Nunca mais a vi. Ela está em outra sala. Vai dar certo. Fizemos novas amizades também.  
(CWP, 6º ano, 11a)

Os resultados apresentados nos surpreenderam através da análise das respostas consistentes dos alunos, onde observamos que a educação destinada à formação cidadã participativa de crianças e jovens é necessária (FREIRE RIBEIRO, 2011), despertando fatores essenciais para a estruturação de um processo educativo de sucesso baseado em valores, tais como tolerância, respeito, resiliência e superação. Se por um lado, foi necessária uma reformulação didático-pedagógica para repassar os conteúdos em série, por outro, não foi difícil perceber a estranheza do novo instrumento de trabalho apresentado, mas que após breve tempo operacional, resultou numa adaptação ao novo universo escolar.

O cumprimento dos objetivos inicialmente expostos, nos possibilita uma reflexão a respeito da participação cidadã dos alunos na criação e elaboração de um novo modelo de ensino, mais humano, e que atenda os anseios do público envolvido.

Uma leitura de todo o período, foi considerada favorável, principalmente por ter sido *“menos pior do que estava, porque aqui pelo menos a gente se distraiu um pouco”* (FN, 7º ano, 12 anos). Conceito que reflete também, na oportunidade de socialização após o tempo de ausência do universo escolar.

## Conclusão

Embora os conteúdos teóricos e práticos fossem apoiados pelos princípios pedagógicos do Currículo em Movimento do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 2014), centrados na educação holística e baseados na perspectiva da Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos, a surpresa dos estudantes em relação

à presença destes temas nos workshops chamou a atenção. Até então, os alunos não tinham sido questionados a respeito do novo processo ensino-aprendizagem, o que se opõe aos objetivos de aprendizagem previstos pelas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Básico (2013) que vê o aluno como um eixo do processo ensino-aprendizagem e protagonista das ações educativas.

No retorno ao “novo normal”, ao contrário do que se preconizava anteriormente sobre a participação do aluno na elaboração das práticas político-pedagógicas e da necessidade destes de se envolverem na organização do processo educativo, pouco ou quase nada lhes foi proporcionado de momentos para participação ativa na construção da nova realidade seja ela virtual ou presencial.

Destacamos que a infância, do ponto de vista social, apresenta algumas características específicas, distintas das outras, para pertencer a categoria cidadã, por serem consideradas as crianças “imaturas e vulneráveis”. Este trabalho, através das dinâmicas apresentadas, buscou ativar a construção dos discursos, estimulando um protagonismo voltado ao despertar da cidadania ativa e crítica, fundamental para o exercício da cidadania da infância.

O que ficou respaldado após a análise dos dados obtidos, foi que lhes dando voz e principalmente oportunidade para se envolverem e manifestarem suas opiniões, elas são comprometidas, colaborativas e organizam-se para expor a opinião do que de fato lhes diz respeito, aprimorando a construção do processo educacional. A partir dos objetivos específicos apresentados, podemos observar que a capacidade de avaliação dos alunos, estende-se também à análise crítica da implementação dos planos sugeridos ao longo da pandemia e da medida em que os instrumentos pedagógicos se tornaram socialmente excludentes. A apresentação da ferramenta tecnológica apresentada, necessitou, além da atualização dos professores, uma atenção para a elaboração de políticas públicas que favorecessem a diminuição das desigualdades sociais e econômicas dos alunos envolvidos.

O estudo, que aconteceu durante o período de isolamento social, apresentou limitações como número irregular de alunos frequentes às aulas virtuais e inconsistência na plataforma utilizada, impossibilitando algumas dinâmicas previamente planejadas. Por se tratar de comportamentos que poderão ser observadas no futuro, sugerimos um estudo para avaliar as consequências do período de pandemia na formação do cidadão, deste público escolar envolvido. ■

## Referências

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in Psychology. **Qualitative Research in Psychology**. v.3, n.2, p. 77-101, 2006.

DE SALES, S. C. Ensino híbrido: o novo normal na educação em tempos de pandemia. **Políticas Públicas, Educação e**

**Diversidade: uma compreensão científica do real.** v.2, p. 200-211.2021.

DESOUZA, R. S.; DE ALMEIDA, L. A. Novo normal: o processo avaliativo em tempos de pandemia. In: **Educação Contemporânea, Avaliação Metodologias.** Editora Realize. v.10, n.38.

DIAS, T. **Como pensam “elas” a organização das sociedades e o exercício da cidadania?** Do desenvolvimento do pensamento político à vivência da cidadania participada em contexto escolar no pré-escolar e ensino básico. Porto: Edita-me. 2016.

CRAVEIRO, C. B. A.; MEDEIROSE, S. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão.** Brasil, Ministério da Educação. 2013.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica: pressupostos teóricos.** Brasília: Secretaria de Educação, Governo do Distrito Federal, 2014.

FREIRE RIBEIRO, I. Cidadania da criança: escola e sociedade como palcos de participação. **EDUSER: revista de educação**, v. 3, p. 17-26, 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 6ª ed. São Paulo: Hecus Editora, 2015.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; ARAÚJO, S. B. Escutar as Vozes das crianças como meio de (re) construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In: **A Escola Vista pelas Crianças**, p. 11-29. Porto: Porto Editora, 2008.

RUSSELL, L., BARLEY, R. Ethnography, ethics and ownership of data. **Ethnography**, v. 21, n.1, p. 5–25, 2020.

SARMENTO, M. J.; SOARES, N. F.; TOMÁS, C. Participação social e cidadania activa das crianças. In: **Inclusão e educação. Doze olhares sobre a educação inclusiva**, p 141-159. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

TRINDADE, R. Escolaridade básica e cidadania: contributo para um debate que se quer mais urgente que apressado. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 13, n. 1, p 39-75, 2000.